

EscreverCOM: uma experiência ético-política de pesquisa

WriteWITH: an ethical policy experience of research

Marília Silveira; Analice de Lima Palombini; Marcia Moraes

Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Este artigo narra uma experiência inédita de pesquisa no Brasil: a escrita de um artigo que reuniu como autores pesquisadores acadêmicos, usuários e trabalhadores de saúde mental participantes de uma pesquisa multicêntrica desenvolvida com financiamento internacional. Neste trabalho, parte integrante de uma dissertação de mestrado, narramos a trajetória deste grupo ao longo de um ano de intenso trabalho conjunto para elaboração de um texto em vias de publicação pelo Ministério da Saúde. Utiliza o narrar como método e toma por objeto a escrita pensada como territorialização de uma experiência.

Palavras-chave: pesquisarCOM; escrever; metodologia de pesquisa

ABSTRACT:

This article chronicles an unprecedented experience of research in Brazil: the writing of an article which brought together, as authors, academic researchers, patients and mental health workers, participants in a multicenter study conducted with international funding. This work, part of a dissertation, narrates the trajectory of this group over a year of intense work together to draw up a text, being published by the Ministry of Health. In this article we used the narration as a method and takes the writing as object of research, thought of as a territorial experience.

Key-words: researchWITH; to write; methodological research

Introduzir

Este artigo nasce no cerne da experiência da investigação multicêntrica “Pesquisa Avaliativa de Saúde Mental: instrumentos para a qualificação da utilização de psicofármacos e formação de recursos humanos - GAM-BR” (CNPq – 2009 e Alliance de Recherche Universités- Communautés - ARUCI/ IDRC International Development Research Centre– 2010-2014), que conduziu grupos de intervenção em Centros de Atenção Psicossocial (Caps) para a construção da versão brasileira do Guia da Gestão Autônoma da Medicação - Guia GAM¹ (CAMPOS *et al.*, 2012). Um guia originalmente

elaborado por usuários de saúde mental e trabalhadores de serviços alternativos de saúde do Québec, no Canadá, que foi traduzido e adaptado à realidade brasileira por usuários, trabalhadores de saúde mental e pesquisadores, os quais, a partir da experiência do seu uso, construíram o Guia GAM brasileiro. O uso do Guia nos grupos de intervenção buscava o compartilhamento e consequente apropriação da experiência de adoecimento e uso de psicofármacos, além de informações sobre medicamentos e direitos dos usuários de saúde mental. Visava com isso ao aumento da capacidade de negociação dos usuários com os médicos e demais técnicos dos serviços, no que diz respeito ao uso de medicamentos e outras decisões de seus tratamentos. A parceria multicêntrica se deu pela reunião de quatro universidades públicas brasileiras (Unicamp, UFRJ, UFF e UFRGS), formando campos de trabalho nos três estados correspondentes (Campinas/SP, Rio de Janeiro/RJ e Novo Hamburgo/RS). Nesses campos o trabalho acontecia na relação entre os pesquisadores e os serviços de atenção psicossocial (CAPS). Na primeira etapa da pesquisa, a universidade foi até os serviços de saúde para testar e discutir uma primeira tradução do Guia GAM. Já na segunda etapa, usuários e trabalhadores de saúde que haviam participado da primeira etapa foram convidados a participar das reuniões na universidade para discutir os achados dos campos e construir juntos uma nova versão do Guia, adaptada à realidade brasileira por todos esses atores. Nessa etapa fortaleceram-se os laços entre alguns usuários, alunos e professores.

É importante sublinhar que a pesquisa GAM, em suas duas etapas, orientou-se por um modo de produzir conhecimento ancorado no protagonismo dos participantes e na afirmação de que o conhecimento é prática situada, local, que se faz com o outro e não sobre o outro (MORAES, 2010; SILVEIRA, 2013). Para elaboração deste artigo, destacamos apenas um dos movimentos que compõe este modo de fazer pesquisa e que nomeamos de EscreverCOM, tomando por base em uma versão modificada de um dos capítulos da dissertação de mestrado da primeira autora (SILVEIRA, 2013).

Em 2011 o grupo GAM brasileiro iniciou as escritas de muitos artigos sobre a pesquisa, com diferentes temas, nos quais docentes e estudantes de todos os grupos e estados envolvidos estavam convidados a participar. Essa era uma tarefa muito exclusiva da universidade, e levamos algum tempo para propor aos usuários que escrevessem sobre a experiência de pesquisar, estando conosco na Universidade. Eles aceitaram. Começamos pensando que eles escreveriam, e nós, acadêmicos, apenas lhes ajudaríamos. Pedimos que trouxessem textos sobre como havia sido participar da pesquisa. Alguns trouxeram seus textos, outros preferiram falar. Então começamos a

conversar sobre o que era um artigo científico, que normas o regiam, e quais delas precisavam ser seguidas (introdução, desenvolvimento por tópicos, conclusão). Assim, liamos os textos e víamos, em relação a esses tópicos, onde poderiam se encaixar e o artigo começou a ganhar corpo. Porém, ao conversarmos sobre o título do artigo e interrogarmos os usuários sobre como era essa experiência de pesquisar na universidade, fomos interrogados de volta por um dos usuários, Louco do Zan², que nos perguntou: “e pra vocês, como é pesquisar desse jeito com a gente?”.

A pergunta de Louco do Zan coloca em cena uma desestabilização e um desafio. Uma desestabilização porque ele nos devolve a pergunta que inicialmente lhe fazíamos: afinal de contas, quem pesquisa quem? Ou, dito com outras palavras, quem detém a *expertise*, nós, os pesquisadores, ou eles, os pesquisados? A pergunta de Louco do Zan colocava em cena o desafio que se abre quando nos propomos a fazer pesquisa COM e não sobre outros, justamente no que diz respeito ao lugar e ao papel daqueles a quem nos dirigimos quando pesquisamos. Um dos marcos do pesquisarCOM (MORAES, 2010; SILVEIRA, 2013) é o de propor dispositivos de pesquisa nos quais a *expertise* seja mais distribuída, de tal modo que o conhecimento não é algo que está nas mãos do pesquisador ou que cabe a ele, e tão somente a ele, produzir. No pesquisarCOM o dispositivo de pesquisa envolve e ativa a todos, pesquisadores e pesquisados. Trata-se, portanto, de um processo de transformação tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Por esta via, a definição clássica de objeto de pesquisa, tomado como algo exterior, ao qual se dirige o conhecer, ganha outros contornos e passa a ser ele também, ator no processo de pesquisar e de produzir conhecimento.

As experiências aqui narradas nasceram do nosso encontro com a Pesquisa da Gestão Autônoma da Medicação (GAM), nasceram das delicadas tramas das relações entre nós, pesquisadores e pesquisados – pesquisadores que se deixaram cuidar pelos pesquisados e pesquisados que, impacientes, tornaram-se também pesquisadores.

Uma política de narrativa

Como advertido acima, utilizaremos a narrativa como recurso metodológico para contar essa experiência. Nossa política de narrativa fará emergir, em meio a esta escrita, algumas cenas, pequenas narrativas que apresentam personagens, reais, ligados à literatura, inventados, para contar o que se passava. Essas passagens serão marcadas com *esta letra diferente* e se apresentarão recuadas no texto, como uma citação. Elas não são exatamente trechos de diário de campo, como você se poderia de pronto pensar.

Embora contenham algo sobre o vivido, foram trabalhadas na forma narrativa e, às vezes, foram inventadas pela pesquisadora para contar determinada situação. Além disso, ao longo do texto o leitor também perceberá o uso de diferentes instâncias discursivas: “ela” (primeira instância), pesquisadora-indivíduo, mas distanciada de um “eu” (segunda instância), que, no entanto, comparece nas escritas narrativas, não como eu psicológico, mas como corpo sede da experiência; e “nós” (terceira instância), pesquisadora no coletivo da pesquisa GAM e na lida com a escrita deste artigo.

Pode ser que você estranhe um pouco essa ideia de inventar coisas, mas é que nós andamos ao lado do poeta Manoel de Barros (1997), que afirma: “tudo que não invento, é falso” (p. 67). Também porque entendemos que “transformamos a realidade para conhecê-la” (PASSOS, EIRADO, 2010: 110). O que quer dizer que **inventamos** a realidade para conhecê-la.

O trabalho desta pesquisa se dobra sobre ela mesma, sobre estas pesquisadoras, sobre os colegas de pesquisa, sobre todos os participantes. É por causa dessa mistura toda, da qual por vezes fica difícil de sair, que pensamos na invenção de personagens. As personagens e os enredos das narrativas ajudaram a nos distanciar do campo de pesquisa, talvez tangenciando a ideia de “figuras” em Barthes (1989), isto é, as “frações de discurso” que permitem um sentido coreográfico: “o gesto do corpo captado na ação, e não contemplado no repouso (...) aquilo que é possível imobilizar do corpo tensionado” (p. 1). Para Barthes, as figuras se destacam no discurso na medida em que se possa reconhecer algo que tenha sido lido, ouvido ou vivenciado. “A figura é delimitada (como um signo) e memorável (como uma imagem, um conto)” (p.1). Para nós, essas narrativas são pequenos instantâneos dramáticos, pequenas imagens com as quais nos deparamos, sendo essas, justamente que nos inquietaram a escrever e a pensar. Imagens de uma cena em movimento, de uma pesquisa em movimento.

Escrever

De todas as tarefas que já havíamos partilhado com os participantes da GAM³ nenhuma era tão marcadamente exclusiva do pesquisador quanto escrever artigos. Escrever coletivamente era um trabalho que já vínhamos fazendo entre os diferentes grupos de pesquisa que habitavam a GAM. Já tínhamos, portanto, uma prévia das dificuldades que estavam por vir. Entretanto, escrever com os usuários um artigo era uma tarefa que vinha acompanhada de um ineditismo no nosso mundo da pesquisa. Quando abrimos o espaço para esta escrita, desde o primeiro momento pensamos que os

usuários assinariam o artigo, até porque imaginamos que os pesquisadores se limitariam a ajudá-los nessa tarefa – a escrita viria deles.

Escrever é empurrar a linguagem – e empurrar a sintaxe, pois a linguagem é a sintaxe – a um certo limite, que pode-se expressar de diversas maneiras: limite que separa a linguagem do silêncio; limite que separa a linguagem da música; limite que separa a linguagem do piado doloroso... (DELEUZE, 1998, Abecedário: Vocabulo A de animal⁴).

As narrativas que seguem neste texto nasceram de cenas colhidas nesses encontros de escrita – encontros que não foram propriamente nomeados e onde pudemos conversar muitas coisas. Encontramos-nos durante um ano, mensalmente, o número de participantes variou entre 10 e 20 pessoas e nem todos participaram de todos os encontros, algumas pessoas participaram pontualmente em algum encontro. O que significa dizer que o grupo envolvido na escrita do artigo mudava a cada encontro. Nesse tempo aproximamo-nos mais (usuários e estudantes), conhecemo-nos um pouco melhor, trabalhamos muito, rimos e descontraímos da tensão muitas vezes. Porque a tensão se fazia presente quase sempre.

Todos haviam sido convidados para participar, mas nem sempre podiam ou queriam fazê-lo (tanto usuários quanto universitários). Talvez, nesses encontros, nossos maiores embates e diferenças puderam ganhar corpo pela palavra: “empurrar a sintaxe” e descobrir outras possibilidades de fazer pesquisa juntos. Quer dizer, precisávamos aprender a escrever juntos.

Quando sugerimos aos usuários escrever sobre a participação deles na pesquisa, não tínhamos ideia de como viabilizar isso. Sabíamos que um ou outro usuário gostava de escrever, traziam seus textos para serem lidos no grupo. Foi num dos primeiros encontros que o Louco do Zan havia dirigido aquela pergunta a todos nós: “Como é, para vocês, pesquisar desse modo com a gente?”. Até o momento em que ele a formulou, o espaço estava organizado para os usuários escreverem. Mas o Louco do Zan nos interrogou de tal modo que nos obrigou a olhar para isso tudo de outro lugar. Assim, logo após o primeiro encontro de escrita, lançamos ao coletivo da GAM, em reunião multicêntrica, o convite a se juntar ao grupo e escrever também sobre essa experiência de pesquisar juntos. Quem quisesse, poderia enviar seu texto. Responderam a esse convite duas docentes pesquisadoras, ambas com seus escritos, que foram trabalhados e incorporados à redação final do artigo. Ao longo do processo, outros textos vieram e também outros foram escritos em conjunto, ainda durante as reuniões.

Uma grande colcha de retalhos ia se mostrando, com linguagens diferentes, falando em eu, em nós, em trabalho acadêmico, adoecimento, internação, escutar vozes, fazer pesquisa e extensão universitária... A partir disso, íamos lendo os textos, conversando sobre o formato de um artigo para uma revista, descobrindo juntos o que era introdução, desenvolvimento, conclusão.

Nisso de não saber como conduzir e o que fazer nos encontros – que era já talvez algum efeito do trabalho cogestivo⁵ que vínhamos fazendo –, de não tomar sempre a frente nas decisões sobre o que fazer, oferecemos um texto para ser lido com o grupo, que resultou na seguinte narrativa, escrita do punho da primeira autora:

O dia em que Walter Benjamin encontrou-se com usuários de Saúde Mental

Naquele dia Alice descobriu que ali eram todos loucos. Diferenciavam-se apenas por uma linha tênue: uns eram loucos diagnosticados e outros, até o momento, não diagnosticados. Naquele dia de sol quente resolveram sair juntos para um passeio. Depois das intensidades emanadas de um grande CAPS III de recepção calorosa, juntaram-se para retornar à Universidade.

Mas a universidade é lugar de louco? Ninguém ousou responder, já que no caso eram todos loucos mesmo! Ainda que suas loucuras não fossem as mesmas, como Alice havia percebido. Saíram todos falantes, afetados pelo encontro, pelo calor, pela comida boa. No caminho ela foi apresentada à cidade pelo Amauri, ele sabia cada pedacinho daqueles cantos, que nome tinha, em que ponto deixava de ser Parque Vista Alegre para ser São Cristóvão, que parte deixava de ser para ser outra coisa. (...) O motorista do taxi às vezes olhava preocupado pelo retrovisor, pois outro passageiro, sentado ao seu lado, conversava com alguém e respondia coisas olhando para o vazio. O motorista deve ter pensado que eram todos loucos. E eram mesmo! Talvez ele apenas não soubesse que ele mesmo também era.

Ao chegar à universidade o lugar virou um ruído só. Altos brados retumbavam na sala o colorido de vozes do encontro característico daquele grupo. Ritmos de samba, toques de gaita e até uma viola devem ter saído do saco enquanto falavam. Tinham vindo para o quê mesmo? Ah é! Tinham vindo escrever, contar de sua experiência numa tal pesquisa que tratava de medicação e da autonomia de quem consumia esses medicamentos. Alguns disseram que tinham escrito coisas e queriam ler. Outros perguntavam o que iam fazer ali, outro saía da sala, outra queria que as estudantes explicassem o que era um artigo científico, outro queria ler agora e já começava. Outro pedia um cigarro. Onde está o fulano?

Que balbúrdia! Que sala pequena!

Em meio às vozes, as loucas ainda não diagnosticadas decidiram que o encontro seria mesmo com o sr. Benjamin. Imprimiram seu texto e o distribuíram. Cada um pegou uma cópia. Uns saíram lendo, outros manusearam o papel, outros nem pegaram, outros guardaram o texto dobrado. O que vamos fazer agora? Falar primeiro e depois ler o texto? Ler e depois conversar?

O grupo mais ou menos se acerta de que iriam ler primeiro, cativados pela promessa de que o texto tratava sobre o “científico” que queriam saber. Surpreenderam-se quando Alice anunciou que estava estudando este mesmo texto com seus colegas em outra Universidade, mas ninguém perguntou se lá eram todos loucos também – essa dúvida era mais da Alice do que deles...

Ah, então vocês estão transmitindo conhecimento da universidade pra nós! Que interessante isso! Experiência e narração, Walter Benjamin, 1933 –

alguém leu. Quem é Walter Benjamin? Alice paralisou, nem ela sabia dizer muito bem, mas a pergunta chegava pra ela. Pensou que não tinha uma grande resposta para dar e começou pelo que sabia: “era um autor que escreveu esse texto entre a 1ª e a 2ª guerra mundial”. Ah tá! Vamos lá então! Surpresa outra vez, Alice viu a sua pobreza de resposta ser aceita sem grande importância. Sentiu-se estranhamente aliviada.

Seguiram a leitura. Não era qualquer leitura. Era entoada, quase uma narração radialista, pois Luciano, que iniciara a ler, trabalhava na Rádio Maluco Beleza em Campinas. Então iam lendo e parando a cada parágrafo ou dois para conversar. Logo de início, sr. Benjamin provocou a todos com a história do pai que ensina aos filhos o tesouro do trabalho. A conversa foi na direção da educação, como era que os pais ensinavam aos filhos, a autoridade que era respeitada e hoje não é mais. Tons mais monocórdios e tristes tinham chances de sair.

Alguns tomavam a palavra por mais tempo, seguravam-na e falavam ininterruptamente, não permitindo a outras vozes emergirem. Alice lembrou-se de uma conversa com Sandra, que também estava ali presente na discussão. “o Luciano, ele quer ter a voz da palavra” – dissera Sandra naquela conversa. Achou a ideia interessante e anotou para não esquecer. No dia da balbúrdia, ficou pensando nos sentidos daquela frase. Que não bastava apenas tomar a palavra, que a palavra precisava de uma voz que a fizesse dizer. As coisas óbvias iam perdendo a condição de obviedade, sentidos inesperados podiam aparecer. Devia ser um sinal, o de que ela estava podendo escutar. Lembrou-se da frase lida num romance: “a atenção é uma espécie de paixão” (DUNKER, 1998 p. 151).

Mas, neste caso, a paixão era uma coisa dispersa! Não raro as paradas na leitura iam gerando um tumulto de vozes, polifonia de sobreposições, e parecia que ninguém mais se escutava. Então as loucas não diagnosticadas tinham que contornar os efeitos intensos das conversas e retomar a leitura.

Quando sr. Benjamin falava da guerra, muitos queriam dizer coisas, pois percebiam a relação entre aquela guerra e a guerra na atualidade, em seus diversos sentidos. Uma senhora deu sua voz à palavra com grande propriedade: “na guerra não tem vencedor”. Lembraram do episódio do jovem de Realengo⁶ e das mortes, e Louco do Zan agora dava sua voz à palavra: “não enxergamos mais nós mesmos”, que dirá o outro – pensou Alice. Luciano falava indignado sobre o que a mídia fez: “um psiquiatra vai lá e diz que o cara é louco, aí ficam pensando que todos nós somos criminosos, assassinos, perigosos... para um louco é mais fácil ele se matar para não machucar o outro”. Ele contava das vozes que ouvia, do remédio que ajudou a diminuir as vozes, e Louco do Zan falava num tom divertido das vozes que seguiam falando com ele e que ele já não lhes prestava mais atenção. A experiência da guerra narrada por Benjamin atualizava-se na experiência da loucura narrada pelos presentes na sala.

Todos se perguntaram em uníssono com Benjamin: onde foi parar a experiência? Alice falou dos conceitos de vivência e experiência, e todos chegaram à conclusão de que viveram na pesquisa uma experiência que mudou alguma coisa neles.

Quando sr. Benjamin falava do vidro, Luciano lembrou de uma cidade que visitou, dos grandes prédios altos, envidraçados. “Feitos de vidro!” – surpreendera-se com essa possibilidade. Falamos do vidro que dá pra ver o que tem dentro e dos vidros fumês contemporâneos que não “se vê o que tem dentro”, que apenas espelham. Alice pensou que o vidro era uma espécie de exposição que não marca, lembrou dos rastros que Brecht insistia em querer apagar, pensou na matéria-vidro, algo que não era maleável, que não dobrava.

Alice percebeu o quanto ali, naquele momento, com aquele grupo, era mais fácil dizer prontamente o que lhe afetava na leitura do texto. Percebeu que ali todos diziam o que lhes provocava o texto. Não paralisavam diante da

emergência e da urgência da voz de suas palavras que queriam sair. Não se rendiam ao (in)conforto silêncio.

Havia alguém sentado fora da roda, próximo à porta, que precisava ser convidado a falar. Seu tom de voz parecia o que lêramos no texto de Benjamin. Ele falava do que era difícil, do que não era simples, do que doía. Naquele grupo, ele era escutado pelos outros, a voz da sua palavra afetava a todos, unidas naquele “pessimismo” que também o sr. Benjamin deixava em seu texto. Outras palavras ganhavam voz parecida pela Beth: “quando a gente chega em casa, é outra coisa, não é fácil”. E havia as outras vozes, “aquelas que a gente escuta, e elas continuam ali dizendo coisas”.

Sandra surpreendeu-se por não encontrar ali só o bonito das coisas, como ela costumava narrar pra gente. O texto era sombrio, pesaroso, deixava triste. “Mas ele fala da realidade” disse o Louco do Zan, e a vida, todos concordaram, era bem difícil.

A experiência na pesquisa os fez entender mais sobre os remédios que tomavam, sobre os direitos que tinham, os fez também desejar outras coisas, querer outros fazeres na vida, descobrir outros caminhos. No entanto, afirmavam que estes caminhos não eram fáceis nem bonitos. Então, Louco do Zan deu voz-testemunho de sua experiência: “o que traz maturidade para o homem são os sofrimentos”.

Nossos sofrimentos também podiam ter lugar naquele grupo, no texto. Fomos alternando os modos de trabalhar, a fim de também dar conta de acolher as demandas de todos nós em cada encontro. Nos encontros posteriores ao da leitura do artigo de Walter Benjamin, trabalhamos cada texto já escrito, lendo-o em voz alta, definindo que parte iria a que lugar no nosso escrito. Um projetor nos ajudava a visualizar o texto ganhando corpo, engordando o número de páginas.

Escrever, contornar, cuidar

Já íamos a uns trinta minutos de reunião acalorada quando chegou a Luciana e entrou como um pequeno redemoinho fazendo voar os papéis da mesa e a nossa atenção do trabalho. Ela chegara correndo, vinda de outra reunião, as olheiras indicando sobrecarga de trabalho. E assim que ela sentou, não querendo atrapalhar o trabalho, fez com que todos os usuários presentes se voltassem a ela. E alguém lhe perguntou: “Como é que você tá, Lú?”. Em resposta, ela começou com um “ah eu tô cansada...”, e seus olhos imediatamente se encheram de lágrimas e as palavras se embaralharam. Ela falava do cansaço, da loucura de trabalhar em várias coisas ao mesmo tempo. Alguém lhe estendeu a mão, lhe ofereceu um abraço. Sandra lembrou que estávamos ali também para nos cuidar, que não eram só os terapeutas que cuidavam, que ali eles também podiam ajudar a cuidar.

Estes encontros, cujas disposições se voltavam para escrever, eram também espaços de cuidado, como fica claro nesta cena. Espaços de cuidado que, ainda que *a priori* não tivéssemos planejado, visavam também contornar essa experiência,

territorializá-la em meio a tantos eventos desterritorializantes que a própria pesquisa nos causava. Escrever era também um momento de trazer à tona as tensões que os movimentos da pesquisa causavam na gente. Destacamos um desses eventos, que foi nomeado como mudança de lugar, quando alguns usuários se tornaram pesquisadores e estiveram à frente no desenvolvimento de alguns projetos. Em Novo Hamburgo/RS, Sandra escreveu um projeto que replicou a experiência de aplicação do Guia GAM num grupo no Caps, com ela e outro usuário conduzindo o trabalho – dois usuários conduzindo um grupo no mesmo Caps onde se tratavam. Em Campinas, Luciano e Fernando estiveram à frente na condução de grupos que desenvolveram o Guia do Usuário de Saúde Mental (GUSM). No Rio, Beth e Júlio davam aulas de psicopatologia aos alunos de psiquiatria na UFRJ, partilhando com eles suas experiências de adoecimento e superação (como ela mesma dizia). Quando este tema apareceu no artigo que estávamos produzindo juntos, foi preciso delinear quais tinham sido esses movimentos e escrevê-los conjugando os verbos no passado, registrando a experiência. Tivemos uma larga discussão, pois, em relação à pesquisa GAM, nem todos se consideravam pesquisadores – a experiência da Beth e do Júlio, por exemplo, não estava ligada à pesquisa GAM. Assim, nomeamos “pesquisadores e colaboradores”.

Mas como íamos diferenciar os estudantes e professores dos usuários? Éramos todos pesquisadores? Sem diferença nenhuma? Nosso debate ganhava corpo para além do texto. Falamos dos diferentes lugares que cada um ocupava, de que havia sido por conta disso que estávamos ali, por conta dos mestrados e doutorados, por conta do adoecimento e da busca por tratamento. Mas esse encontro não havia se restringido a isso, a uma reunião em que nada mudava de lugar. Nosso trabalho nos mostrava como havíamos “avançado na relação”, como dizia Júlio após cada um dos embates que tínhamos no grupo de escrita. Percebemos que usuários puderam se tornar pesquisadores ao longo da pesquisa, que esse movimento era deles, instigado pelo nosso trabalho conjunto, e que não o havíamos previsto no início da pesquisa. Ao longo do tempo, muitos de nós, acadêmicos e usuários, fomos tomando frentes de trabalho e mesmo espaços para conduzir as reuniões multicêntricas. Havia muitos movimentos, havíamos aprendido muito juntos. E era isso o que queríamos registrar naquele texto (e nos parece que conseguimos). Então ficou escrito assim:

alguns de nós, usuários dos três estados envolvidos, colaboramos ativamente nas adaptações do guia canadense e na construção do guia brasileiro. Nos encontros da pesquisa, ocorria compartilhamento de saberes entre pesquisadores e usuários, onde todos experimentamos uma mudança de lugar e um exercício de co-construção. No

início do projeto, nós, usuários, éramos participantes da pesquisa e, ao longo do processo, tornamo-nos também pesquisadores, convidados a participar das reuniões na Universidade e a nos engajarmos em outros projetos junto com os acadêmicos. Hoje, no momento em que escrevemos, identificamos três modos de participação: os pesquisadores usuários, os colaboradores (usuários e profissionais) e os pesquisadores acadêmicos. (FLORES, MUHAMMAD, CONCEIÇÃO et al., 2013 no prelo)

No entanto, é importante ressaltar que todos esses movimentos não estiveram livres de tensões, como pode parecer nesse texto empolgado que escrevemos juntos ou mesmo em muitas das narrativas escritas neste artigo. A produção coletiva nunca foi livre de embates. Durante a produção do artigo em conjunto, tivemos alguns encontros nos quais brigamos, literal e furiosamente. Alice nos ajuda a contar essa história.

Alice ficou observando com grande interesse o Rei tirar um enorme bloco de anotações do bolso e começar a escrever. Ocorreu-lhe uma ideia de repente: segurou a ponta do lápis, que ultrapassava de algum modo o ombro do Rei, e começou a escrever por ele.

O pobre rei pareceu confuso e infeliz, lutando com o lápis por algum tempo sem dizer nada; mas Alice era forte demais para ele, que finalmente disse, resfolegando: “Minha cara! Realmente preciso arranjar um lápis mais fino. Não estou tendo o menor controle sobre este, escreve todo tipo de coisas que não pretendo...” (CARROLL, [1865] 2009, p.170).

Foi difícil bancar esse trabalho. Tivemos momentos de tensão, nos quais os usuários sentiram seu texto ameaçado pela ordem acadêmica, quando alguns de nós, ousamos mexer no texto por conta própria. Assim como Alice na cena, nós, acadêmicos, muito facilmente podíamos pegar o lápis e escrever pelos usuários, só que, diferente do Rei que não está enxergando Alice, os usuários sabiam muito bem quando o texto era modificado de forma a perder suas assinaturas. Num dos encontros, uma de nós, tendo ficado incumbida de cuidar de algumas alterações no texto, acabou por acrescentar nele outras tantas coisas. No momento em que foram lidas no grupo, essas coisas foram imediatamente alvo de estranhamento: “Mas esse não é o texto que estamos escrevendo, é?”.

Noutro encontro, uma dessas versões revisadas por um de nós, acadêmicos, produziu no grupo enormes turbulências. A forma que ali ganhara o texto descaracterizava o modo de os usuários escreverem, e a força das experiências que nele narravam reduzira-se a exemplos no corpo do artigo, destacados com aspas e negrito. O escrito havia sido neurotizado. Era preciso resgatar a força do texto que havia sido produzido. Clima tenso. Um poema sobre a morte e os ossos do texto enterrados no

cemitério, escrito ao longo deste dia pelo Louco do Zan, selava a complexidade da situação. Conversamos outra vez.

- mas, gente, nós não combinamos que íamos escrever um artigo sobre o encontro entre usuários e pesquisadores?

- sim

- então nós vamos ter que encontrar um modo de lidar com isso, porque esse nós que escolhemos usar ao escrever inclui também os acadêmicos...

- mas a força da nossa voz não pode se perder

- então quem sabe retomamos uma versão anterior para poder olhar aquilo que se perdeu?

E assim retomamos a tarefa de reler o antigo texto. Caso pretendêssemos construir um trabalho em conjunto, ele deveria ser feito em conjunto. Naquele grupo, nossa função, como pesquisadores acadêmicos, era de fazer junto e não de traduzir aquilo que usuários haviam escrito para uma linguagem acadêmica e dura. Fazer isso era andar contra o processo todo da GAM.

O resultado dessas tensões foi uma combinação de fazermos uma leitura prévia do texto, com os usuários de cada região, para então trabalharmos juntos no encontro multicêntrico seguinte. Chegamos, assim, ao Rio de Janeiro, afiados e afinados para o trabalho. Numa das salas da UFF, reunimo-nos das 9h até as 18h (com um intervalo de almoço), trabalhando arduamente para devolver a vida ao texto endurecido. Cada grupo havia lido uma versão diferente do texto – o que, a princípio, parecia um grande caos, ao final possibilitou comparar as modificações feitas, resgatar palavras, compreender sentidos perdidos. Nesse encontro, tudo fluiu de forma muito tranquila. Estávamos em um grupo menor e, com muita afinação entre acadêmicos e trabalhadores presentes, intervínhamos na mesma direção. Foi o único encontro em que não brigamos. E foi o encontro no qual trabalhamos o maior número de páginas. Estava quase pronto. Queríamos ter tido mais um dia em sequência para terminar. Mas não tivemos.

Na reunião seguinte, em Porto Alegre, o grupo mudava outra vez. Outros usuários do campo do Rio Grande do Sul que participaram da segunda etapa da pesquisa foram convidados para estar conosco. Tivemos uma calorosa manhã de apresentações e conversas, e nossa tarde rendeu muito pouco no texto. Voltava a ser difícil. Ponderamos, entre os acadêmicos, que os trechos conceituais escritos pelos docentes pesquisadores e inclusos no fim do texto constituíam um dos nossos problemas. Precisávamos parar a cada tanto para traduzir os conceitos, mas tudo ficava muito enrolado. Não conseguimos finalizar e já tínhamos recebido o veredicto que não haveria mais verba para novos encontros.

Um tanto desanimados, combinamos de fazer uma reunião via Skype para finalizar o escrito, reunindo os três campos (RJ, RS e SP), com a mesma combinação de leitura prévia do texto. Estávamos a menos de um mês do prazo para entrega do artigo ao Ministério da Saúde. Havíamos sido convidados a participar da publicação do Cadernos do HumanizaSUS, na edição especial sobre Saúde Mental de 2013. Era nossa chance de fazer nosso texto e nossa experiência reverberar Brasil afora.

Um ano de trabalho árduo estava prestes a mostrar seu resultado concluído. Foi retomando essa empolgação que conseguimos finalizar o texto pela tela do computador, entre aplausos, risos e lágrimas, saudades e alívios. E um convite, “vamos tomar uma cerveja?”, alinhavado para o último encontro multicêntrico do ano, previsto para dali a pouco mais de um mês.

A escrita, então, possibilitava-nos um movimento de saída do caos da experimentação, dava borda às nossas loucuras, mesmo que fosse apenas por aquele instante. Separava-nos momentaneamente de nossa experiência. Assim, podíamos olhá-la, ainda que soubéssemos que:

no entanto, não vemos tudo. É a sabedoria da visão, embora não vejamos nunca somente uma única coisa, nem mesmo duas ou várias, mas um conjunto: toda visão é visão de conjunto. O resultado é que a visão nos mantém nos limites de um horizonte. (...) A palavra é, para o olhar, guerra e loucura. A terrível palavra ultrapassa todo o limite e, até, o ilimitado do todo: ela toma a coisa por onde não se a toma, por onde não é vista, nem nunca será vista; ela transgride as leis, liberta-se da orientação, ela desorienta (BLANCHOT, 2001, p. 67).

A aventura de pesquisarCOM o corpo é constituir esse corpo sensível à experiência do outro. O corpo sem órgãos do pesquisador é a possibilidade de experimentar o caos como quem prova um sabor desconhecido, como quem firma o pé sem conseguir ver onde está pisando, como quem sente um sintoma nunca sentido antes. É importante garantir, nessa experimentação, algo de um território que nos ajude a voltar – a cançãozinha que, quando for preciso, nos tirará do caos (pensando no ritornelo, conforme referido por Deleuze e Guattari, 1997). Organizar uma escritaCOM o outro também é oferecer uma cançãozinha, um território para sair do caos, experimentar um equilíbrio mesmo que fugaz, mas que, por ter sido experimentado, permite outros caminhos.

Cortar

- Escrever, não é expor a palavra ao olhar. O jogo da etimologia corrente faz da escrita um corte, um dilaceramento, uma crise.

- *Um simples lembrete: o instrumento adequado para a escrita era o mesmo da incisão: o estilete.*

- *Sim, mas este incisivo lembrete evoca uma operação cortante, uma carnificina talvez: uma espécie de violência; a palavra carne se encontra na família; assim como a grafia, é arranhadura.* (BLANCHOT, 2001, p. 66)

Em vários encontros, o que fazia o texto “não andar” era a necessidade comum a todos de acrescentar uma nova história ou discussão ao texto, enquanto tentávamos finalizar. As neuroses acadêmicas eram muitas, e era um grande esforço para nós, acadêmicos, deixar que as coisas fluíssem. Tivemos momentos tensos de pressão para terminar o texto – pressão vinda inicialmente de fora do grupo que se encontrava para escrever e, depois, polarizada no seu interior, ora entre os acadêmicos, ora entre os usuários. Esse não andar ou esse andar em volta do mesmo lugar acontecia porque a cada encontro tentávamos retomar o texto do início e nunca chegávamos ao fim, porque outras coisas iam se acrescentando ao longo do caminho. Esse tempo de gestação coletiva do texto foi um tempo de intenso trabalho entre nós, durante o qual tivemos a oportunidade de estarmos mais pertos uns dos outros, de partilharmos algo tão singular como uma escrita, na qual os egos de todos nós se feriam a cada frase excluída, a cada nome, a cada coisa que já não cabia mais no texto. Uma violência, sim, mas uma violência necessária – diria Piera Aulagnier (1979) – também ao nosso processo de pesquisa que se dirigia a um fim, a não termos mais novos projetos começando, ao fim de ano quando, muitos de nós, nos despediríamos desse trabalho.

Era preciso um corte, uma incisão que foi sentida na pele. Ferida no corpo. Talvez o mais rico de tudo seja a possibilidade que inventamos de fazer isso pelo texto. Um corte feito no texto. Ao mesmo tempo ferida e marca. O registro da experiência no texto por publicar.

Efeitos do corpo no corpo do texto

Contato

No último encontro de escrita do artigo, chegamos numa frase do texto que me incomodava. Dizia, entre outras coisas, que éramos “um só corpo e não pode ser separado”. Levantei minha inquietação com a frase, posto que estávamos nisso de terminar. Estávamos unidos em torno de uma tarefa prestes a se concluir. Nossos corpos se separariam, e nós continuaríamos existindo. Mais alguém comentou algo nessa direção, e outro alguém sugeriu que a frase fosse suprimida do texto. Com a concordância de todos, nossos corpos se separaram. Estava logo ao final, no penúltimo parágrafo... Enfim, terminávamos.

Processar a escrita

Entrevistadora: Como é o seu processo de escrita?

Mia Couto: É caótico. Primeiro escuto, começa sempre por aí. Qualquer escritor é um escutador em primeiro lugar. Depois capturo o que me comoveu e me roubou o chão. Tem de ser algo quase que me dissolve. Uma frase, uma pessoa, um momento, tem de tomar posse de mim, fico perdido. Depois para dar um sentido às coisas tenho de sair de mim, e aí começa a história. (entrevista do escritor Mia Couto para Diana Garrido, 2012⁷).

Imagine, leitor, o tamanho do caos escrevendo a várias mãos, com as muitas diferenças entre nós ali, juntas, participando ativamente do processo. Imagine tudo que roubava o chão de cada um querendo ser contado ao mesmo tempo, no mesmo texto. Tudo que se apossava de cada um enquanto escrevíamos. Depois, todos vivendo o estar perdido no meio de tantas experiências intensas, tantos corpos reverberando. E quando várias das nossas diferenças resolviam aparecer ao mesmo tempo? Como já dissemos, houve momentos de tensão e embate. Houve também momentos divertidos, como quando o Renato lembrou uma música do Roberto Carlos, incitado por alguma palavra dita pelo grupo, e logo começou a cantar. Bem, aí nós cantávamos junto. Assim como acatávamos o pedido do Luciano, quando já era hora de uma pausa para o lanche ou quando o Júlio tirava a gaita de boca do bolso e mostrava a música francesa que havia aprendido para mostrar aos canadenses. Aí nós dançávamos...

Talvez o ponto mais difícil fosse mesmo o sair de si, no sentido de cada um sair do seu eu, para escrever a história. Para isso precisávamos evocar essa criança criadora, que podia começar logo com o “Era uma vez...”. Foi um trabalho delicado e muito conversado o de tirar os nomes de quem tinha escrito cada pedaço do texto. Havia um medo de não se reconhecer. Era uma questão que seguidamente retornava: “mas esse é o nosso texto?”. Por outro lado, o trabalho de escrita coletiva propiciava a todos nós um registro do trabalho que ainda não tínhamos até ali, e poder escrever sobre isso, dar corpo a esse território, tem relação com o que diz Suely Rolnik sobre a escrita ser

um instrumento privilegiado de trabalho com as marcas que os ares do tempo imprimem em nosso corpo afetivo: ela nos ajuda a ouvi-las, ela nos guia na busca das palavras que vão tornar o mais dizível possível aquilo que nos marca no indizível, ela nos acompanha em nosso esforço para criar territórios que incorporem aquelas marcas (...) (ROLNIK, 1993, p. 75)

Isso ficou evidente quando tratamos do tema dos usuários terem se tornado pesquisadores. Eram marcas que ganhavam espaço pela primeira vez, para alguns ganhavam nome pela primeira vez: “então nós somos pesquisadores?”. Para uns, isto já estava dado, mas a emoção de vê-lo escrito, de se deparar com o parágrafo que dizia: “No início do projeto, nós, usuários, éramos participantes da pesquisa e, ao longo do processo, tornamo-nos também pesquisadores, convidados a participar das reuniões na Universidade e a nos engajarmos em outros projetos junto com os acadêmicos” (FLORES, MUHAMMAD, CONCEIÇÃO *et al.*, 2013, no prelo). Uma escultura do tempo extraída pelo cinzel da escrita, como diria Suely Rolnik (1993). Para a autora, a escrita “é um dispositivo de efetuação do devir, é o devir que a move e é para o devir que ela nos move” (ROLNIK, 1993: 75). Nós experimentamos a escrita mover o usuário para o seu devir pesquisador. Também experimentamos a escrita mover o Pesquisador para o seu devir usuário, quando Júlio nos escreveu um e-mail com uma proposta: os usuários outorgarem aos acadêmicos que estiveram mais próximos a eles o título honorário de usuário de saúde mental.

Nas delicadas tramas da vida: a ética no PesquisarCOM

Ao terminar o texto sobre o processo de nossa escrita coletiva, alguns dias antes da última reunião multicêntrica do ano de 2012, a pesquisadora sentiu uma necessidade imperiosa de passar o texto pelo grupo, antes de finalizá-lo. Afinal, ela estava contando a história coletiva, e não parecia justo/ético/correto que as pessoas presentes nessa história só viessem saber dessa construção depois, com o texto já finalizado e avaliado, quando a pesquisadora já não poderia mais modificá-lo. Toda essa construção fora feita no coletivo, e quem era a pesquisadora para contar a história sozinha? Ainda que, em vários momentos do percurso, algum grau de arrogância acadêmica inevitavelmente se apossasse de quem pesquisa, a pesquisadora resolveu levar essa inquietação adiante.

Ao ler as reportagens de Eliane Brum (2008) e os textos sobre os bastidores de cada uma delas no livro “*O Olho da Rua*”, algumas coisas ficaram mais claras. Eliane afirma com categoria que precisa ser honesta com seus leitores e com seus entrevistados, que os erros e os impasses da reportagem precisam aparecer para o leitor, mas nem sempre isso cabe numa reportagem. Da mesma forma acontece na pesquisa, não cabe tudo num artigo e mesmo não cabe tudo numa dissertação, nem numa tese, já dissemos antes.

Este era um texto vivo de uma história que era partilhada e comporia um trabalho acadêmico, uma história construída num plano coletivo, de forma cogestiva, e nos perguntávamos se, ao final, deixaria de ser. Depois de algumas conversas com sua orientadora, a pesquisadora decidiu gravar um vídeo lendo alguns trechos deste texto para ser levado à reunião a que não poderia comparecer. No vídeo⁸ ela dizia também que escrevera parte da sua dissertação, que estava contando uma história que era coletiva e não conseguia imaginar essa construção sendo feita sem a participação e o aval de todos.

Traçávamos aí mais uma linha transversal no modo de comunicação entre nós – não a única, sem dúvida, nem a primeira.

Transversalidade, na acepção inicial que Guattari (2004) dá a esse conceito, é o movimento de abertura comunicacional, de desestabilização dos eixos dominantes de organização da comunicação, nas instituições: o eixo vertical de hierarquização da comunicação entre os diferentes e o eixo horizontal da comunicação entre os iguais. Traçar a transversal é, no que diz respeito aos modos de dizer, tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos, é afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa e autopoietica das práticas narrativas. (PASSOS, BARROS, 2010, p. 156).

Além da repercussão positiva entre todos e comentários de que havia sido muito ético da parte da pesquisadora mostrar o texto para ser avaliado antes de publicá-lo, o efeito disso foi uma solicitação, por parte dos pesquisadores-usuários, de um termo de consentimento. Eles queriam assinar um consentimento para esta publicação. Movimento inverso ao que se esperaria numa pesquisa, e que é reflexo de algo que Eduardo Passos disse em uma das reuniões multicêntricas, sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, “o tempo de consentir não é o mesmo de esclarecer”. Usualmente, o termo de consentimento é apresentado no início de uma pesquisa, num procedimento que visa informar as pessoas sobre o que irá nela acontecer. Entretanto, antes do processo acontecer, fica difícil para os participantes mensurarem os efeitos que o processo desencadeará neles. É por isso que geralmente consta uma cláusula na qual o participante possa retirar seu consentimento a qualquer momento. Em outros grupos realizados na GAM, o tema do consentimento também retornou ao longo do processo, não se reduzindo à apresentação do Termo de Consentimento no início do grupo⁹.

Essa inversão dos tempos de consentir fez com que providenciássemos o termo, mas numa condição de ser um termo que ao mesmo tempo devolvia o caráter da participação dos colegas envolvidos e solicitava uma autorização, tanto para esta

publicação quanto para o modo como queriam ser nomeados no texto. Nós havíamos conversado informalmente algumas vezes sobre o uso “disso que acontecia nas reuniões” como material de pesquisa, sem grandes restrições. Entretanto, nesse momento – diferente daquele de escrita do artigo conjunto narrado neste, no qual estava claro para todos nós que éramos todos autores –, a trama se complexificava um tanto mais. Inventamos esse procedimento *a posteriori* feito COM os companheiros, para dar contorno àquilo que mais nos importava: o ato de apresentar para os pesquisadores-usuários o conhecimento que vínhamos produzindo a partir de nossa experiência comum.

No caminho de escrever COM, houve ainda mais uma questão ética com a qual nos deparamos, relativa à publicação de nosso artigo, escrito a tantas mãos. Enviamos o artigo para os Cadernos do HumanizaSUS, que aceitou sua publicação da forma como a propúnhamos, com a autoria coletiva de todos os envolvidos no processo (27 autores, de 9 cidades, em 5 estados e 2 países diferentes¹⁰). Porém, na sequência fomos surpreendidos com uma solicitação do Ministério da Saúde, para que enviássemos a Brasília um documento de Cessão e Transferência de Direitos Autorais de cada um dos autores envolvidos, em três vias registradas em cartório.

As delicadas tramas da vida nos levavam a vários problemas para reunir essas assinaturas, entre eles: autores curatelados, cuja assinatura em cartório deveria ser feita pelo familiar tutor; autores fora do país; autores com medo de perder o benefício social caso assinassem o termo; autores hospitalizados.

Como reunir todas essas assinaturas, com tantos entraves e premidos pelo prazo, para garantir que todos os envolvidos tivessem seu nome no artigo? Qual era mesmo a questão? Nossa questão residia no ineditismo. Usuários de saúde mental não costumam publicar artigos, ainda mais tantos e vindos de tantos lugares diferentes. Então, algo que poderia ser uma solicitação de praxe para a publicação em muitas revistas,¹¹ tornava-se para nós uma tarefa impossível.

Trocamos alguns emails com as responsáveis pela editoria da publicação, colocando-as a par do tipo de dificuldades que enfrentávamos – como a de um dos autores, curatelado, cujo familiar responsável acabara de amputar o pé e necessitaria mobilizar todo um aparato logístico e familiar para deslocar-se até o cartório. Sensibilizadas, elas buscaram negociar uma alternativa junto ao Ministério da Saúde, para que se pudesse resolver de outro modo a situação. O ineditismo do fato solicitava modificações no processo, assim como, ao longo da pesquisa GAM, fomos modificando

o processo de pesquisar, de cogerir – a presença dos usuários solicitava mudanças em nosso modo de fazer. Nossa metodologia se modificou ao longo do tempo, tivemos que nos adaptar à realidade que construímos, na qual usuários de saúde mental se tornavam pesquisadores, escreviam e buscavam publicar artigos.

As negociações nos levaram a uma solução intermediária: apenas os autores acadêmicos precisariam apresentar assinatura autenticada do termo, e todos os demais teriam seu nome no artigo, mesmo sem a assinatura da cessão de direitos autorais. Enfim, uma decisão digna, ainda que, de algum modo, excludente; ela nos dá mostras do quanto se precisa avançar no campo do pesquisarCOM. De todo modo, fazer aparecer estes impasses, é sem dúvida, uma exigência ética de uma pesquisa que se afirma como local e situada. Tais questões constituem o pesquisarCOM e devem ser sempre colocadas, mas que só podem ser respondidas localmente, em cada campo de pesquisa, contando com os desafios abertos em cada campo de pesquisa. O que tais questões apontam é para uma diretriz do pesquisarCOM, mais do que para um protocolo a ser aplicado.

Disseminar

Registramos a experiência no escrever. Escrever com o próprio corpo, a mão que segura o lápis e a que digita sobre o teclado. Produzimos um território visível dessa experiência. Ao modo benjaminiano, podemos dizer que as vivências de pesquisa tornaram-se experiências, porque puderam ser narradas, não apenas entre nós, envolvidos com a pesquisa, mas também entre os pares, pesquisadores que acessarão este texto. Um artigo que agora tem a função de, ao ser publicado, disseminar essa experiência por nosso mundo de pesquisa, para inspirar outros pesquisadores a fazerem mais pesquisas COM e não SOBRE os outros. Queremos disseminar ao modo que oferece Vinciane Despret.

Deixar-se instruir, abnegar-se ou se curvar, acomodar e se acomodar, seguir as inflexões como proposições ofertadas, co-inventar: (...) não ser nem o mestre, nem o único autor, mas um vetor de disseminação e de memória daquilo que pede para ser preservado no ser. (...) aprender a fazer memória com aquilo que aprendemos, ao mesmo tempo, aceitar de vê-lo desaparecer. E pensá-lo (DESPRET, 2011, não publicado).

Referências

- AULAGNIER, P. *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BLANCHOT, M. *A conversa infinita I: a palavra plural*. São Paulo: Escuta, 2001.
- BRUM, E. *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.
- CAMPOS, Rosana Teresa Onocko et al. Adaptação multicêntrica do guia para a gestão autônoma da medicação. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 16, n. 43, Dec. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000400009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 19 May 2013.
- CARROLL, L. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. (1980) São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DESPRET, V. *Experimentar a disseminação*. Não publicado, 2011.
- DUNKER, P. **Alucinando Foucault**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- FLORES, A. A. MUHAMMAD, A. H. CONCEICAO, A. P. NOGUEIRA, A. PALOMBINI, A. L. MARQUES, C. C. E. PASSOS, E. SANTOS, E. S. MEDEIROS, F. SOUSA, G. S. MELO, J. ANDRADE, J. C. S. DIEDRICH, L. F. GONCALVES, L. L. M. SURJUS, L. T. L. E. S. LIRA, L. M. XAVIER, M. A. Z. NASCIMENTO, M. R. SILVEIRA, M. NASCIMENTO, N. S. OST, P. R. OLIVEIRA, R. F. NASCIMENTO, R. PRESOTTO, R. F. HOFF, S. M. S. , ONOCKO CAMPOS, R. T. OTANARI, T. M. C. ; A experiência de produção de saber no encontro entre pesquisadores e usuários de serviços públicos de saúde mental: a construção do Guia Gam brasileiro. No prelo para *Caderno HumanizaSUS* do Ministério da Saúde, 2013.
- MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M. e KASTRUP, V. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- MUHAMMAD, A. H. *Narrativa-crítica do grupo de intervenção: gestão autônoma da medicação*. Trabalho de conclusão de especialização. Curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/29928>. Acessado em: 11/07/2012
- PASSOS, E. e BARROS, R. B. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 150-171.

- PASSOS, E., EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Orgs.) *Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010, p.109-130.
- ROLNIK, S. *Memorial do concurso para ascensão na carreira para Professor Titular*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1993.
- SILVEIRA, M. *Vozes no corpo, territórios na mão: loucura corpo e escrita no PesquisarCOM*. Porto Alegre, 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

Marília Silveira
Universidade Federal Fluminense
E-mail: mariliasilveira.rs@gmail.com

Analice de Lima Palombini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: analice.palombini@ufrgs.br

Marcia Moraes
Universidade Federal Fluminense
E-mail: mmoraes@vm.uff.br

¹ Disponível em: <http://www.fcm.unicamp.br/interfaces/arquivos/ggamBr.pdf>

² Os usuários diretamente citados neste trabalho foram consultados sobre a forma como gostariam de ser nomeados no texto. Assim, nomes fictícios ou reais foram acatados, dependendo da escolha de cada um deles.

³ Dentre elas: a participação em reuniões de pesquisa, viagens, almoços, quartos de hotel partilhados e também as discussões desde o gerenciamento financeiro até a avaliação de projetos de curta duração que receberam financiamento por dentro da GAM.

⁴ Filme disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wcw1g0reIJQ>

⁵ O termo cogestão aparece na saúde coletiva trazida por Gastão Campos (2000) como um modo de horizontalizar e democratizar as relações de poder entre usuários e trabalhadores. Na GAM, utilizamos a cogestão como princípio ético-político, trazendo a participação dos diferentes atores para a maior parte das ações que realizamos, tal como convidar usuários e trabalhadores para as reuniões de pesquisa.

⁶ Naquela semana a mídia bombardeava por todos os meios a história do jovem de Realengo (RJ), que entrara atirando numa sala de aula, matando inúmeros jovens e professores e suicidando-se em seguida. Na sequência, de assassino o jovem era transformado em louco, pela mídia, o que justificava por si só suas ações. Era sobre esse ponto que Luciano e os demais se indignavam.

⁷ Disponível na íntegra em: <http://www.ionline.pt/boa-vida/mia-couto-era-muito-timido-acho-me-apaixonava-tres-quatros-vezes-dia>

⁸ Disponível em: <http://vimeo.com/53989616>.

⁹ Sobre o Termo de Consentimento nos grupos GAM, a colega Adriana Hashem Muhhamad também discute, em um capítulo da sua monografia, a experiência do uso do Termo ainda na primeira etapa da pesquisa GAM no Rio Grande do Sul (MUHAMMAD, 2010). No Rio de Janeiro, houve um grupo em que a conversa sobre termo de consentimento durou os três primeiros encontros do grupo de intervenção, dando mostras de quão delicada é esta questão.

¹⁰ Uma das colegas envolvidas no trabalho realizava seu doutorado no Canadá.

¹¹ Embora a assinatura de termo de cessão de direitos autorais seja um procedimento comum às publicações científicas, era a primeira vez que nos deparávamos com a exigência de sua autenticação em cartório.